

Bancos advertiram Brasil sobre

quarta-feira, 20/9/89 □ 1º caderno □ 17

pagamento de juros

Rosental Calmon Alves
Correspondente

WASHINGTON — Na última reunião com os negociadores do governo brasileiro, no dia 11, o Comitê Assessor de Bancos Credores advertiu claramente que o país deveria se manter em dia com o pagamento de juros e que deveria honrar o vencimento da última segunda-feira, de US\$ 1,6 bilhão. Todos os mais de 300 banqueiros credores do país receberam um telex em que o comitê comunicava ter feito tal advertência. O Brasil, no entanto, manteve sua firme posição de não pagar e propôs esta semana, ao mesmo comitê, um menu de opções, com fórmulas criativas, através das quais os bancos serão convidados a ajudar o país a resolver o impasse criado pela falta de créditos externos.

Uma das alternativas esperadas é o pedido de parcelamento do US\$ 1,6 bilhão. O Brasil faria um pagamento inicial simbólico e combinaria outras parcelas para o futuro, aguardando o início dos desembolsos de eventuais empréstimos do Banco Mundial, do FMI e até dos próprios bancos comerciais. Outra sugestão seria uma emissão especial de bônus ou algum outro mecanismo, que esteja contemplado no último acordo de reescalonamento da dívida brasileira

com os bancos, assinado em setembro do ano passado.

O mercado secundário de títulos da dívida externa reagiu com um leve declínio do valor dos papéis brasileiros. Segundo a corretora Merrill Lynch, os títulos vinham sendo negociados a 31% de seu valor de face e caíram para 30%. O jornal *Washington Post* interpretou o esperado atraso brasileiro como uma declaração de suspensão de pagamentos. Banqueiros e funcionários consultados, ontem, discordaram. "O Brasil vem atrasando desde de junho as remessas de divisas para o exterior, devido à centralização do câmbio. Todo mundo já esperava que o pagamento não fosse feito. Isso não significa moratória nem declaração de suspensão de pagamentos", disse um banqueiro de Nova Iorque.

Advertência — No telex enviado aos bancos credores, o comitê assessor dá conta da advertência de que o Brasil deveria se manter em dia, mas não entra em detalhes. O atraso, porém, já era esperado desde junho. Uma cópia desse telex, obtida pelo **JORNAL DO BRASIL**, confirma que os dois temas mais importantes da reunião foram o acordo sobre o pedido brasileiro de se estender o prazo para os bancos conce-

derem US\$ 600 milhões em créditos novos ao país e uma avaliação da situação macroeconômica do Brasil.

O compromisso dos bancos de dar esse empréstimo seria cancelado se o Brasil não fechasse o acordo com o FMI até o final deste mês (o que é impossível de acontecer). Mas o prazo está sendo estendido até 15 de janeiro, dependendo da ratificação da decisão pelos bancos participantes do rateio.

A última reunião teve também a presença de um funcionário do Ministério das Finanças do Japão. O governo japonês monitora de perto a crise do Brasil e está disposto a oferecer US\$ 1,5 bilhão em curto prazo. O problema é que o Japão, como os bancos credores, só quer desembolsar qualquer quantia depois que o Brasil fechar um acordo com o FMI.

Há muita curiosidade sobre a proposta brasileira que o ministro Malsion da Nóbrega deverá antecipar amanhã para os presidentes dos principais bancos credores, em encontros separados, em Nova Iorque. Ele tentará angariar a solidariedade desses banqueiros, antes de a proposta brasileira ser formalizada, na reunião do dia seguinte com o comitê.